

Vivemos na Academia de Coimbra um momento profundamente significativo. Os acontecimentos dos ultimos dias, aparecem aos olhos do público, envoltos em densa névoa, quando não totalmente deturpados por uma imprensa sensacionalista ou partidária. O proprio estudante universitário, sem uma análise profunda dos acontecimentos, corre o risco de lhes não apreender o significado.

Um facto é evidente:

- A semelhança do que vem a acontecer noutras associações, a linha associativa da U.E.C. (representada pela D.G. demitida) foi derrotada. Dizendo-se defensora do apartidarismo a nível académico, a ex-D.G. não se furtou à crítica de estar a seguir fielmente a estratégia partidária do P.C.P.

Perante isto deparou a linha pró-U.E.C. com três géneros de adversários:

- Uns, ditos "radicais" adversários acérrimos da linha "reformista" não aceitavam da ex-D.G. o facto de, com base num apartidarismo lhes tentar a toa do o momento sabotar a acção. Sem marcarem bem a posição ideológica a nível associativo, procurou esta facção explorar os "fracos" e "passos falsos" que a ex-D.G. teria dado. (elementos affectos aos comités Ribeiro dos Santos-M.R.P. P.). -

- Outros, defensores de uma linha progressista não reformista, lançaram, no entanto, os seus ataques no sentido de mostrar que a ex-D.G., dizendo-se apartidária, mais não prosseguia que os interesses do "reformismo" do P.C.P. Este grupo ancora-se num entendimento de que na direcção duma Associação Académica dem estar representadas todas as organizações progressistas que tenham relevancia política no meio da Academia. (Núcleos sindicais de base".

- Um terceiro género de adversário que a ex-D.G. teve de enfrentar foi o daqueles que sem grande comprometimento ideológico com os anteriores, foram sensíveis aos tais "passos falsos" que a última facção se encarregou de olhar numa perspectiva de comprometimento partidário que ajudou se não ao voto contra pelo menos à abstenção.

Se na luta frente à linha pró-U.E.C., as três facções citadas (nomeadamente as duas primeiras) se deram as mãos, quando acontece o vácuo de direcção, as divergencias entre eles aparecem mais abertamente,

Em coerência ideológica, os núcleos sindicais de base apresentam uma lista de compromisso entre facções políticas "anti-reformistas". Por sua vez, os elementos affectos aos comités Ribeiro dos Santos, ou por confiarem demasiado na sua força, ou por serem mesmo radicais repudiam o compromisso com outras facções e propõem uma lista composta unicamente por elementos a si ligados. Em consequencia propõem os núcleos uma lista exclusiva ente sua.

Estão pois em causa duas listas ideologicamente fechadas. Uma porque assim o quis; outra porque a isso as circunstancias obrigaram. Aparece então outra proposta: perante a luta sectária para preencher o vácuo de direcção propoe-se conservá-lo (anarquistas). E teve certa aceitação. Só que estava

fora da proposta em debate.

Na votação ficou claro que os estudantes não vão em sectarismos. Se se demite uma direcção por a considerar sectária, não se aceita para substituí-la um grupo sectário. Por isso a linha M.R.F.F. mais não consegue que uns escassos 60 votos. Os núcleos sindicais de base, forçados a apresentar uma linha ideologicamente fechada, conseguem 126 votos. As abstenções (262) mostram que ainda se não chegou a uma solução satisfatória.

Perante esta situação é necessário que os estudantes tomem posição acerca dos princípios que devem presidir ao M.A..

A J.S.D.-Juventude Social Democrática- defende a representação de todas as facções progressistas na direcção da Academia. Só assim se conseguirá uma D.G. apartidária e unitária, não bastando que o apartidarismo seja apregoado a nível de programa.

Condenamos os monopólios e onipotências teóricas ou de facto reveladoras de um oportunismo crasso. Condenamos o paternalismo aglutinador e desmobilizador e situamo-nos numa atitude crítica e construtiva perante os problemas concretos que se nos deparam. Liguemo-nos, no entanto, a luta nas escolas á luta que se trava a nível nacional. Todas as forças progressistas estão empenhadas, neste momento, na luta contra o imperialismo, contra o capitalismo, procurando a melhor maneira de rapidamente atingir um socialismo real. Esta passagem, porém, não é fácil, estando constantemente ameaçada pelo poderio económico de que a reacção não foi ainda despojada. Na conjuntura actual, a melhor garantia de sucesso das forças progressistas encontra-se na ligação destas com o M.F.A., mas sobretudo na consciencialização do povo. Daí o considerar-nos autentico suicídio o ataque sistemático e gratuito ao M.F.A. que só contribui para lançar a confusão e presta, objectivamente, um precioso auxílio ás forças reaccionárias.

Por ultimo, desejamos vincar o papel crítico e dinamizador a que a juventude universitária se deve votar. Temos, na verdade, grandes responsabilidades na consciencialização e mentalização progressista do povo português. O povo trabalhador precisa efectivamente de ser ajudado numa compreensão progressista dos seus problemas mas dispensa, todavia, certos grupos que mais não fazem que "apropriar-se" das massas populares.

COMUNICADO DA JUVENTUDE SOCIAL DEMOCRÁTICA

Avenida D. Afonso Henriques, 128-1º

C O M I T É D E A